

# NOVA ÁGUIA

Revista de Cultura para o Século XXI

Nº 23 — 1º SEMESTRE 2019

ENSAIO & POESIA | TEMAS & AUTORES

**NOS 10 ANOS DO MIL**

Movimento Internacional Lusófono

**ALMADA**

*Portugal: Pátria,  
Nação e Paraíso*

**DALILA**

ainda sobre

**ANTÓNIO TELMO**

**AGOSTINHO DA SILVA**

inéditos

Zéfiro  




Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por  
qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.  
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

Nova Águia – Nº 23 – 1º Semestre 2019

AUTORES

Vários Autores

DIRECTOR

Renato Epifânio

VICE-DIRECTORES

Anna Galvão, António José Borges, José Almeida, Luís Lóia, Luís de Barreiros Tavares,  
Luísa Janeirinho, Maria Luísa Francisco, Nuno Sotto Mayor Ferrão e Samuel Dimas

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Délio Vargas

EDITOR

Alexandre Gabriel

1ª EDIÇÃO: Abril de 2019

ISSN: 1647-2802

DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08

IMPRESSÃO: DPS


© 2019, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt

 WWW.ZEFIRO.PT

## A HOMENAGEM DE A ÁGUIA A SAMPAIO BRUNO POR OCASIÃO DA SUA MORTE

José Carlos Casulo

### INTRODUÇÃO

Em 6 de novembro de 1916, a pouco mais de um mês do completar 58 anos de idade, falecia Sampaio Bruno, devido a complicações de saúde surgidas na sequência de uma cirurgia a que se tinha submetido.

Filósofo e escritor portuense, era uma figura respeitada nos meios republicanos, até pela sua independência relativamente aos meandros político-partidários do regime implantado em 5 de outubro de 1910. A Renascença Portuguesa, também ela republicana e, de algum modo, não foi indiferente ao passamento do autor de “O Brasil Mental”.

Com efeito, a pp. 145 do número 47 da segunda série da revista *A Águia*, precisamente datado de novembro de 1915, a Sociedade lamentava o infausto acontecimento, por se tratar da morte de um génio, erudito, extremamente bondoso, moralmente grande, agudamente crítico e criativo – qualidades todas estas plasmadas no texto – e, por conseguinte, equiparava a uma catástrofe o desaparecimento de Bruno: “A perda dum homem como José Sampaio representa qualquer coisa de semelhante a uma catástrofe” ([Redação], 1915, p. 145)<sup>1</sup>. E prometia dedicar o número seguinte da revista a homenagear “o filósofo, o erudito, o crítico, o historiador e o íntimo [da Renascença Portuguesa]” (idem). Assim sucedeu, realmente, pelo que o número seguinte de *A Águia* (o nº 48, referente a dezembro de 1915), para além de fotografias do falecido e de um projeto para o seu mausoléu, contou com a seguinte colaboração, destinada a homenagear Bruno:

– Teófilo Braga, “O que direi de Bruno?” (pp. 177-178);

– Leonardo Coimbra, “Bruno filósofo” (pp. 179-183);

– José Teixeira Rego, “A unidade de pensamento em Sampaio Bruno” (pp. 184-192);

– Bernardo Valentim Moreira de Sá, “A «Théorie exacte et notation finale de la musique» de Bruno (pp. 193-197);

– Teixeira de Pascoaes, “Carta” (p. 198);

– Ribera y Rovira, “Carta” (p. 199);

– Cirilo Carneiro, “Carta” (p. 200).

Conhecer o teor da homenagem de *A Águia* para aquilatar da apresentação, ou não, pela Renascença, de Sampaio Bruno como modelo pedagógico, como exemplo a ser tido em conta, é o objetivo que pretendemos alcançar, pelo que, para a sua consecução, passamos, de imediato, a analisar os textos acima referidos.

### TEÓFILO BRAGA (“O QUE DIREI DE BRUNO?”)

A página e meia que Teófilo Braga preencheu pode ser dividida em três partes: uma, inicial, com o elogio geral de Bruno; uma segunda, de agradecimento de uma atitude particular que o Filósofo tivera para com ele, Teófilo Braga; uma parte final, mais extensa, totalmente dedicada à descrição da memória do empenho de Bruno na edição da *História de Portugal* do alemão Henri Schaeffer.

Teófilo Braga começou por se referir a Sampaio Bruno como um “morto querido” (Braga, 1915, p. 177) e, não deixando de lhe reconhecer, naturalmente, os méritos intelectuais, louvou sobretudo o seu caráter: “José Sampaio, o pensador

<sup>1</sup> Ao longo do texto, nas citações que vierem a ser feitas, atualizaremos a ortografia.



elevado, o espírito austero, desinteressado, justo e bom, viveu sempre para os outros” (idem). E agradeceu ao filósofo portuense o facto de ter beneficiado da sua bondade, quando este, em *A Geração Nova*<sup>2</sup>, lhe dedicou linhas de elogio, assim o resgatando, ou a isso o tendo ajudado, da perseguição a que sentia que tinha sido votado após a Questão Coimbrá:

*“devi-lhe as mais generosas palavras, quando depois da Questão da Escola de Coimbra, se estabeleceu contra mim a conspiração do silêncio, tendo de vencer a boicotagem dos livreiros dando de graça os meus escritos (...). José Sampaio compreendendo o intuito da Escola de Coimbra publicou o belo livro intitulado A Geração Moderna, onde me valorizou com as mais significativas referências” (id.).*

Mas a recordação de Bruno que Teófilo Braga mais quis destacar foi a do seu esforço para, em combinação entre ambos e com Francisco de Assis Lopes, que a traduziu, publicarem, em Portugal, a *História de Portugal* de Henri Schaeffer. Bruno, testemunhava o nosso autor, não se poupou a esforços e não só “lançou ao público o bem elaborado programa de publicação da *História de Portugal* de Schaeffer” (id., p. 178), como, quando, na sequência do golpe republicano falhado de 31 de janeiro de 1891, se viu obrigado a exilar-se em França, foi “investigando pelas bibliotecas [francesas] materiais para ela” (id.), como, ainda, se dedicou demoradamente a redigir o período histórico posterior a 1820 – data esta em que a obra em causa terminava –, tendo-o a morte impedido de levar a bom termo tal última tarefa.

### LEONARDO COIMBRA (“BRUNO, FILÓSOFO”)

Leonardo Coimbra iniciou o seu artigo de homenagem a Sampaio Bruno realçando a profundidade da sua maneira de ser e de pensar:

*“A personalidade de Sampaio Bruno destaca pela profundidade, pela vastidão e pela intimidade.”*

*‘A sua indagação estendeu-se desde o campo científico até à curiosidade anedótica, e, em todos*

*os momentos, ele aprofundava até ao absoluto numa febre metafísica de encontrar ao ser um significado e um destino” (id., p. 179).*

O Tribuno passou, depois, a tipificar o perfil intelectual e filosófico do homenageado. Este era, para ele, à semelhança de outros nomes grandes das Letras nacionais – e identificava Antero de Quental, Tomás Ribeiro, Teixeira de Pascoaes e Júlio Dantas – um “espírito interrogativo” (id., p. 179), possuído de um pensamento cósmico (...) [e] um criador de Ideal” (id., pp. 179-180). Sobre este perfil intelectual edificara-se “um primordial filósofo nesta terra em que, com F. Sanches e Antero, o pensamento filosófico se encerrara” (id., p. 180). Daqui em diante, Leonardo passou a explanar, sem grandes aprofundamentos, algumas das linhas da filosofia de Sampaio Bruno, com base em duas das suas mais importantes obras – *O Brasil Mental* e *A Ideia de Deus*. Começando por *O Brasil Mental*, o autor de *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* apresentou o Bruno anti-positivista, crítico de Spencer e fundamentalmente de Comte. O filósofo portuense surge-nos, na exposição leonardina, como um desprezioso pensador que se opunha ao grande inimigo da metafísica – Auguste Comte: “A. Comte é, para todos os metafísicos, [como] um demoníaco gigante, que (...) nos quisesse encarcerar num cosmos limitado (...). É contra esse gigante, que o tímido, o humilde, o modesto portuense, vai erguer o seu verbo” (id., p. 180). Leonardo Coimbra apontava a crítica bruniana à lei dos três estados como o golpe certo que, nesta diatribe, fizera tombar “todo o edifício positivista” (id., p. 181) comteano, assim se abrindo caminho para que o espírito humano acesse à compreensão de um universo não mais prisioneiro dos factos, mas antes um universo “sem tempo, nem limite” (id.) e para que, a partir daqui, em voo metafísico, esse mesmo universo aspire e tenda ao Absoluto. Absoluto este, dizia Leonardo, que era Deus – “O absoluto que buscamos é Deus” (id., p. 182) – assim passando o Criacionista a abordar a questão de Deus em Bruno, a partir de *A Ideia de Deus*, questão complexa e profunda, cuja problemática constitutiva, naturalmente, o nosso autor, em tão sucinto texto, praticamente se limitou a equacionar em dois tópicos: a substancialidade

<sup>2</sup> No texto, Teófilo Braga não emprega este título, mas sim o de *A Geração Moderna*.



das ideias, de onde que também da ideia de Deus, e, por consequência, a impossibilidade do ateísmo, na medida em que, havendo uma ideia de Deus, teria sempre que haver uma substancialidade de Deus, uma realidade divina; o problema do mal, que afasta qualquer explicação panteísta ou criacionista da substância divina.

E pouco mais se alongou o Tribuno, a não ser para sublinhar e elogiar a humildade e bondade de Sampaio Bruno – “Humilde, modesto e bom era o nosso filósofo, mostrando na ação a qualidade do seu comovido e religioso pensamento” (id., p. 183).

### TEIXEIRA REGO (“A UNIDADE DE PENSAMENTO EM SAMPAIO (BRUNO)”)

Tal como Leonardo Coimbra, Teixeira Rego, antes de apreciar o pensamento filosófico de Sampaio Bruno, preocupou-se com o esboço do seu perfil intelectual. Metafísico, pensador vigoroso, homem dotado de uma curiosidade universal e “essencialmente um místico” (Rego, 1915, p. 185), foram os epítetos empregues por Teixeira Rego para definir o falecido diretor da Biblioteca Municipal do Porto. Mas a mais significativa característica que apontou a Bruno, e da qual se lançou para o resto do seu artigo, foi a de “Os seus livros (exceto os primeiros) [serem] (...) propositadamente abstrusos (...) e alguns anteriores à «Ideia de Deus», como o «Encoberto» e «Brasil Mental», apresentavam enigmas que só o aparecimento da sua obra prima [«A Ideia de Deus»] veio, em parte, solucionar” (idem, p. 184).

Teixeira Rego propôs duas explicações para tal propositada maneira de proceder: por um lado, o receio que o filósofo portuense tinha de ser plagiado, e, por outro lado, a sua timidez pessoal. Mas foi para além destas duas explicações, foi mais longe ao esclarecer os leitores de que Sampaio Bruno pretendia publicar três livros que mais e melhor sustentariam e esclareceriam as conceções expostas em “A Ideia de Deus”, assim fazendo desaparecer alguma obscuridade que esta obra encerrava e assim ficando completamente apresentado o seu pensamento. Seriam, tais três livros, o “Plano de um livro a fazer”<sup>3</sup>, a

<sup>3</sup> Edição póstuma de 1996: Bruno, S. (1996). Plano de um Livro a fazer: os Cavaleiros do Amor ou a Religião da Razão. Lisboa, Portugal: INCM.

“Teoria da Nova Antiguidade”<sup>4</sup> e “ainda outro de síntese geral” (idem), que, ao contrário dos dois anteriores, Rego não identificou.

E assim foi que, interpretando passagens dadas a estampa na revista “A Águia” e no jornal “O Primeiro de Janeiro”, o autor de “Nova Teoria do Sacrifício” aventou a possibilidade de o “Plano de um livro a fazer” ser uma obra em que Bruno aprofundaria o estudo de vultos maiores da literatura portuguesa e da literatura universal, com tal estudo aprofundado conseguindo que “muitos problemas [fossem resolvidos]” (p. 190), deixando vagamente a ideia de que estes problemas estariam ligados à temática das profecias e revelações abordada em “O Encoberto”. Quanto à “Teoria da Nova Antiguidade”, “livro estranho, de que também apareceram fragmentos em vários jornais, *Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias* e em *A Águia*” (idem), confirmaria e explicaria as teorias de Sampaio Bruno sobre a origem ártica da humanidade, bem como sobre a origem americana dos povos europeus, teses estas que o próprio Rego não só não punha em causa, como, inclusivamente, entendia que eram confirmadas pela “opinião dos modernos paleontólogos” (id., p. 191) Deperet, Heer, Saporta e Quatrefuges.

E o nosso autor terminou a sua homenagem admitindo, ou confessando, que, porque “perdera a serenidade pela dor da perda dum amigo querido” (id., p. 192), mais não fizera, neste depoimento, do que uma “simples exposição ao correr da pena sem (...) [abordar] a sua obra de crítico, que foi e dos maiores, e as suas qualidades de escritor” (id.).

### MOREIRA DE SÁ (“A «THÉORIE EXACTE ET NOTATION FINALE DE LA MUSIQUE» DE BRUNO”)

O musicólogo Bernardo Valentim Moreira de Sá foi o autor daquilo que menos se esperaria num texto destinado a homenagear um intelectual por ocasião do seu passamento: não apenas derrotou, abertamente, a «Théorie exacte et Notation finale de la Musique» de Sampaio Bruno, como declarou o homenageado incompetente

<sup>4</sup> Edição póstuma de 1975: Bruno, S. (1975). Teoria da Nova Antiguidade. Lisboa, Portugal: INCM.



no tocante à matéria neste escrito tratada. Aliás, ele mesmo, Moreira de Sá, o reconheceu no final do seu artigo, justificando-se com a imperatividade de fazer prevalecer a verdade sobre tudo o mais e, em jeito de auto-justificação, mostrando-se convicto da inofensividade da sua crítica face à grandeza de Sampaio Bruno:

*“Hesitei em aceitar o convite com que a ilustrada Direção da Águia me quis honrar para fazer a apreciação da “Teoria exata e notação final da Música” do saudoso Bruno (...). Mas pensei também que, apesar de não passar de quimera, em nada ela pode deslustrar a memória justamente venerada do autor. E depois achei que é um nobre dever, embora postergado habitualmente pela hipocrisia social, cumprir aquele aforismo aristotélico: «Amicus Plato, sed magis amica veritas». Julgo que este dever é ainda mais imperioso tratando-se dum homem do alto valor moral e intelectual de José Sampaio” (Sá, 1915, p. 197).*

Moreira de Sá, então, respondendo ao pedido da Renascença para participar na homenagem de “A Águia”, decidiu-se por fazer uma crítica reprovativa da tese defendida por Bruno num escrito datado de 1903, de circulação privada e intitulado “Théorie exacte et Notation finale de la Musique”. A tese bruniana defendia que, na música, como em geral na arte, não eram os sentidos que se deviam impor à razão, mas, antes, era a razão que se devia impor aos sentidos, educando-os (refinando-os, na terminologia empregue pelo filósofo português). Partindo deste axioma, José Pereira de Sampaio construiu uma escala diatónica e uma escala cromática, ambas ancoradas numa estrutura aritmética progressiva. Ora, Moreira de Sá, sem pejo algum, tratou logo de classificar o modelo bruniano como “um exemplo curioso e instrutivo das aberrações compatíveis com uma vasta e sólida capacidade como incontestavelmente era a de Bruno” (idem, p. 193).

O musicólogo rebateu Sampaio Bruno com argumentos muito específicos e especializados, acabando por concluir que a teoria musical do homenageado era “fértil em disparates” (id., p. 196), era, enfim, “como teoria matemática dos fenómenos musicais (...) um absurdo” (id., p. 197). Tal disparate absurdo, segundo Moreira de Sá, devia-se a dois motivos. Desde logo à

insciência musical de Sampaio Bruno, um homem em quem eram “muito perfunctórios os conhecimentos musicais” (id., p. 194). Depois, ao erro crasso do autor do opúsculo em crise, erro esse que consistia “em imaginar que, estabelecendo os graus da sua escala em progressão aritmética, obtém intervalos musicais iguais” (id., p. 196).

Perentória e conseqüentemente, concluiu o nosso autor que “a teoria de B.[runo] é a negação da música tal como ela existe” (id., p. 197).

### AS CARTAS DE TEIXEIRA DE PASCOAES, RIBERA Y ROVIRA E CIRILO CARNEIRO

Teixeira de Pascoaes, na sua missiva, começava por se reconhecer como incapaz para escrever o que quer que fosse sobre o homenageado, a quem colocava acima de quaisquer loas palavrosas e académicas. Assim, o cerne do testemunho do poeta do Marão encontra-se no penúltimo parágrafo da carta que, em resposta ao convite que lhe fora feito, enviara a Álvaro Pinto, parágrafo esse em que, distinguindo entre ciência e sabedoria, pouca valia atribuía à primeira, por entender que esta “aprende-se facilmente nos livros” (Pascoaes, 1915, p. 198), elogiando, ao invés, a segunda, por ser “um dom essencial que põe o indivíduo em íntima confiança com as verdades superiores escondidas na mentira das aparências” (id.). Ora, para o Saudosista, o que distinguia Sampaio Bruno era justamente a posse deste dom da sabedoria, o que fazia dele uma “figura quase religiosa” (id.). E Pascoaes terminava recordando aquela outra qualidade de José Sampaio, a qual fora a de ter tido “uma vida mais que humana, isto é, uma pura e superior intenção” (id.).

O poeta Ribera y Rovira, correspondente catalão da Renascença Portuguesa, manifestando tristeza pessoal pela morte de Bruno, louvou a sua “bondade extrema (...) [e a sua] grande alma” (Ribera y Rovira, 1915, p. 199), tendo terminado com a afirmação de que o homenageado, sendo um pensador de raízes clássicas, era, acima de tudo, um fervoroso patriota: “[Bruno] era heleno pelo ideal político e estético; era romano pela sua formidável perspicácia crítica. E sempre e em toda a ocasião era português às direitas,



pelo otimismo da sua alma crente nos altos destinos da sua Pátria” (id.).

Cirilo Carneiro pouco mais deixou escrito do que desculpar-se por, dado sentir-se abalado com a morte do filósofo, se sentir impedido de participar condignamente na homenagem. Não obstante, não deixou de evocar o “nobre e austero carácter de patriota” (Carneiro, 1915, p. 200) do seu amigo Sampaio Bruno.

## CONCLUSÃO

Contribuiu este número de *A Águia* para que a Renascença Portuguesa, na sua missão educativa, propusesse como paradigma pedagógico, aos seus leitores, a figura, isto é, a vida, valores e pensamento de Bruno? Em parte, talvez: certamente no tocante ao estilo de vida, mas pouco mais, como passamos a demonstrar.

É certo que todos os participantes enalteciam o carácter e virtudes de Bruno, deste modo apresentando como exemplo um homem modesto, bom, simples e em quem habitava uma grande coerência entre aquilo que pensava e o modo como vivia.

Certo é, também, que, apesar do infeliz contributo de Moreira de Sá, o perfil de intelectual de Sampaio Bruno não deixou de ser recordado, elogiado e de sobressair ao longo dos diversos escritos atrás analisados.

Verdadeiramente, porém, não se pode afirmar que o panegírico do Bruno pensador encobrisse a falta de artigos que tivessem feito um exame profundo do pensamento e obra do homenageado, exame esse demonstrativo não necessariamente da genialidade e pioneirismo filosófico de Bruno, mas, pelo menos, do seu ascendente doutrinar sobre a Renascença Portuguesa, ou, talvez melhor, sobre os pensadores portuenses, ou nortenhos, da Sociedade, tudo isto mesmo apesar das páginas da autoria de Leonardo Coimbra e, quiçá, de Teixeira Rego, as quais, todavia, a nosso ver, não vão muito além do cumprimento dos mínimos exspectáveis.

Pelo contrário, estranhamente, *A Águia* permitiu a publicação de um artigo em que Bruno – agora já sem possibilidade de qualquer futura defesa – foi acerrimamente criticado e no qual, não obstante algumas vagamente elogiosas palavras

de circunstância, aquilo que se fez foi, pura e simplesmente, denegrir as capacidades intelectuais do Filósofo. Bruno, por certo, teria sido o primeiro a desejar tal crítica, mas que ela tenha sido feita numa circunstância como esta é pouco normal.

Atendendo a que se tratava de um número de homenagem a Sampaio Bruno, por ocasião do seu passamento, é também estranho que tenham sido relativamente poucas as participações verificadas e que, em geral, não tenham propriamente primado pelo refinamento e elaboração que o homenageado merecia – Teixeira de Pascoaes, v. g., por esta altura ainda diretor da revista, limitou o seu contributo a uma simples carta.

Em suma: neste número especial, *A Águia*, órgão oficial da Renascença Portuguesa, prestou a Sampaio Bruno uma homenagem, mas, na nossa pouco abalizada opinião, parece-nos não ter conseguido que esta estivesse à altura da craveira intelectual e valor filosófico de José Pereira de Sampaio (Bruno).

## BIBLIOGRAFIA

- Braga, T. (1915). O que direi de Bruno? *A Águia*, II (48), pp. 177-178.
- Carneiro, C. (1915). Carta. *A Águia*, II (48), p. 200.
- Domingues, J. (2017). Bruno e Junqueiro, Patronos da “Renascença Portuguesa”. In Teixeira, A., Natário, C., Cunha, J., Pereira, J., Pimentel, M., Gama, M., Epifânio, R. (coord.), *A Renascença Portuguesa: Pensamento, memória e Criação* (pp. 87-98). Porto, Portugal: Universidade do Porto.
- Coimbra, L. (1915). Bruno, Filósofo”. *A Águia*, II (48), pp. 179-183.
- Natário, C. Epifânio, R. (coord.) (2010). *A Águia e a República: 100 Anos Depois*. Sintra, Portugal: Zéfiro (Coleção *Nova Águia*).
- Pascoaes, T. (1915). Carta. *A Águia*, II (48), p. 198.
- Pereira, S. (2007). O Pensamento Pedagógico de Sampaio Bruno: A Ideia de Educação para a República. Lisboa, Portugal: INCM.
- [Redação] (1915). José Pereira de Sampaio (Bruno). *A Águia*, II (47), p. 145.
- Rego, J. (1915). A Unidade de pensamento em Sampaio (Bruno). *A Águia*, II (48), pp. 184-192.
- Ribera y Rovira (1915). Carta. *A Águia*, II (48), p. 199.
- Sá, B. (1915). A “Théorie exacte et Notation finale de la Musique” de Bruno. *A Águia*, II (48), pp. 193-197.
- Samuel, P. (1990). *A Renascença Portuguesa: Um Perfil Documental*. Porto, Portugal: Fundação Eng.º António de Almeida.
- Santos, A. (1990). *A Renascença Portuguesa: Um Movimento Cultural Portuense*. Porto, Portugal: Fundação Eng.º António de Almeida.
- Teixeira, A., Natário, C., Cunha, J., Pereira, J., Pimentel, M., Gama, M., Epifânio, R. (coord.) (2017). *A Renascença Portuguesa: Pensamento, memória e Criação*. Porto, Portugal: Universidade do Porto.



## Colaboradores 23º Número:

Adriano Moreira  
Alexandre Gabriel  
Anna Galvão  
António Braz Teixeira  
António Cândido Franco  
António José Borges  
António José Queiroz  
Artur Manso  
Brunello Natale De Cusatis  
Carlos Aurélio  
Délio Vargas  
Delmar Domingos de Carvalho  
Elísio Gala  
Elter Manuel Carlos  
Emanuel Oliveira Medeiros  
Henrique Manuel Pereira  
Jaime Orela  
Jesus Carlos  
Joaquim Domingues  
Joaquim Pinto  
Joel Henriques  
José Almeida  
José Carlos Casulo  
José Carlos Seabra Pereira  
José Eduardo Franco  
José Lança-Coelho  
José Maurício de Carvalho  
Júlio Amorim de Carvalho  
Luís Lóia  
Luís de Barreiros Tavares  
Luísa Borges  
Manoel Tavares Rodrigues-Leal  
Manuel Curado  
Maria Dovigo  
Maria Leonor Xavier  
Miguel Ángel Martínez Quintanar  
Paula Oleiro  
Pedro Martins  
Pedro Sinde  
Pedro Velez  
Pedro Vistas  
Pinharanda Gomes  
Renato Epifânio  
Ricardo Vêlez Rodríguez  
Ricardo Ventura  
Rui Lopo  
Samuel Dimas  
Thais Caroline Reis de Ávila  
Vitor Silva  
Wallace Félix Cabral Silva

**S**em complexos, como sempre, continuamos a salientar as figuras maiores da cultura lusófona – em particular, aquelas que os nossos “media” mais *estrangeirados* continuam a desprezar. Dalila Pereira da Costa é um excelente exemplo disso: em 2018, assinalaram-se os cem anos do seu nascimento; que outra revista cultural em Portugal, a não ser a *Nova Águia*, assinalou devidamente esse centenário?... Por isso, voltamos à carga: depois de no número anterior lhe termos dado o destaque de capa, publicando dez ensaios sobre a sua obra, publicamos neste número mais meia dezena (e mais uma Carta).

Em 2020, assinalam-se os cinquenta anos da morte de Almada Negreiros, outra figura singular da cultura lusófona – antecipando essa efeméride, publicamos neste número um ensaio de fôlego (e de fogo) de Elísio Gala. Depois, evocamos mais uma dúzia de figuras relevantes da nossa cultura e, em “outros voos”, publicamos uma dezena e meia de textos, sobre as mais diversas temáticas. Como tem sido hábito, também neste número publicamos textos inéditos de Agostinho da Silva e António Telmo. Por fim, em “Bibliáguio”, publicamos uma dezena de recensões de diversas obras publicadas recentemente. No início de uma nova década, a *Nova Águia* irá assim, com a descomplexada convicção de sempre, prosseguir o seu voo.



[www.novaaguia.blogspot.com](http://www.novaaguia.blogspot.com)

*Em destaque, no próximo número:*

**AFONSO BOTELHO**  
nos 100 anos do seu nascimento

*A Águia* foi uma das mais importantes revistas do início do século XX em Portugal, em que colaboraram algumas das mais relevantes figuras da nossa Cultura, como Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Raul Proença, Leonardo Coimbra, António Carneiro, António Sérgio, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva.

A *NOVA ÁGUA* pretende ser uma homenagem a essa tão importante revista da nossa História, procurando recriar o seu “espírito”, adaptado aos nossos tempos, ao século XXI, como se pode ler no nosso Manifesto. Inspirando-se na visão de Portugal e do Mundo de Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva, a *Nova Águia* assume-se como um órgão plural.

